

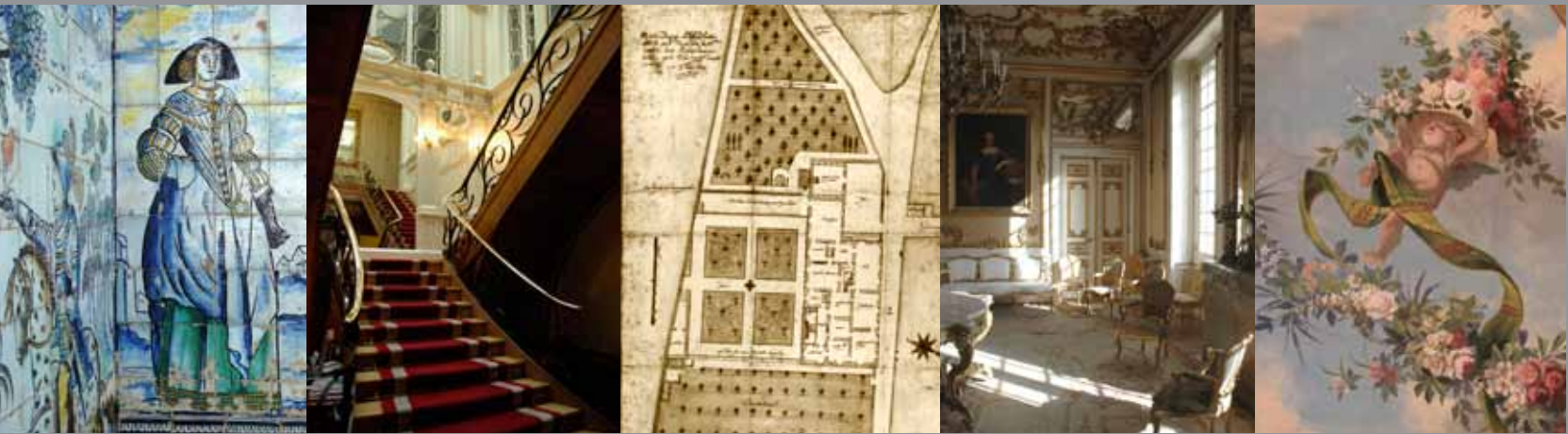
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

*Coordenação*

# *A CASA SENHORIAL*

*em Lisboa e no Rio de Janeiro:*

**Anatomia dos Interiores**



**Instituto de História da Arte**

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

**Escola de Belas Artes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*A CASA SENHORIAL*  
*em Lisboa e no Rio de Janeiro:*

Anatomia dos Interiores





**Coordenação**

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

*A CASA SENHORIAL*  
*em Lisboa e no Rio de Janeiro:*

**Anatomia dos Interiores**

**Instituto de História da Arte**

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

**Escola de Belas Artes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**2014**

---

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4  
(Universidade Nova de Lisboa)  
ISBN: 978-85-87145-60-4  
(Universidade Federal  
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial  
em Lisboa e no Rio de Janeiro:  
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:  
*Atelier Hélder Carita*

Secretariado:  
*Lina Oliveira*  
*Tiago Antunes*

Depósito legal:  
383142 / 14

Tipografia:  
*Norprint*

Tiragem:  
*300 exemplares*

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

### **Coordenação**

Isabel M. G. Mendonça  
Hélder Carita  
Marize Malta

### **Edição conjunta**

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

# ÍNDICE

---

## MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

---

- 18 **Cátia Teles e Marques**  
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**  
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**  
**André Guilherme Dornelles Dangelo**  
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**  
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

---

## ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

---

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**  
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**  
**Maria João Pereira Coutinho**  
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**  
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**  
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**  
**Tiago Molarinho Antunes**  
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:  
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**  
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro  
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**  
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-  
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência  
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**  
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**  
**Celina Borges Lemos**  
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-  
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século  
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**  
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu  
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**  
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional  
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal  
do último terço de oitocentos

---

#### A ORNAMENTAÇÃO FIXA

---

- 366 **Ana Paula Correia**  
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**  
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**  
**Isabel Murta Pina**  
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**  
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**  
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**  
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**  
**Cristina Rozisky**  
**Fábio Galli**  
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**  
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**  
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

---

## EQUIPAMENTO MÓVEL

---

- 536 **Maria João Ferreira**  
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**  
*Sumptuoso leilão de ricos móveis...* Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões



*Palavras-chave*  
Vida Privada;  
Palácio Isabel;  
Século XIX.

*Keywords*  
Private life;  
Isabel Palace;  
19th Century.

## *Resumo/Abstract*

### Palácio Isabel: O Palácio do Conde e Condessa d'Eu no Segundo Reinado Brasileiro

O Palácio Isabel passou por diversas mudanças até se tornar o atual Palácio Guanabara, sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Essas mudanças descaracterizaram o monumento primordial, alterando o seu uso de residencial para institucional, perdendo o seu caráter de ser uma preservação de um modo de habitar do séc. XIX carioca. Esse palácio colocara em obra o modo de habitar da Princesa Imperial e de seu marido. Como obra histórica já modificada, essa edificação não mais preserva esse desvelamento da casa como habitat do ser, porém, diversas imagens e relatos preservam detalhes e partes do mesmo. Nas palavras de D. Isabel, “O Paço Isabel, nossa residência no Rio depois do casamento, situado nas aforas da cidade, bem longe de São Cristóvão, é uma bela casa erguida no meio de um jardim enorme, no sopé de uma colina bastante alta” . A proposta aqui é realizar uma descrição através de textos e imagens do que foi o Palácio Isabel do casal Conde e Condessa d'Eu, realizando um estudo sobre o modo de habitar que essa edificação e que seus relatos-imagens preservaram.

### Isabel Palace: The Palace of count and countess d'Eu in 2nd Reinado Brasileiro

The Isabel Palace went through many changes to become the current Guanabara Palace, the seat of Government of Rio de Janeiro. These changes mischaracterized the first monument, altering its use from residential to administrative, losing its character of being a preservation of a way of inhabiting in the 19th century Rio. This palace put in work the Crown Princess and her husband way of inhabit. As a historical building that has changed, it doesn't preserve the unveiling of the home as a habitat for a being, but the reports and images preserve details and parts thereof. In the word of D.Isabel (In a free translation), “The Isabel Palace, our residence in Rio after marriage, is located away from the city, far from São Cristóvão, it's a beautiful house builded in the middle of a huge garden, at the foot of a very high hill” . The proposal here is to do a description through texts and pictures of the Earl and Countess d'Eu Isabel's Palace, conducting a study on how they inhabited this building and about the preserved reports and images.

# Palácio Isabel: O Palácio do Conde e Condessa d’Eu no Segundo Reinado Brasileiro

*Felipe Azevedo Bosi*

## INTRODUÇÃO

O Palácio Isabel é um modelo de habitação do Rio de Janeiro do século XIX. Nele habitaram a Princesa Imperial, seu marido, Conde d’Eu, e seus filhos, porém, com a queda do regime imperial, ele foi descaracterizado, se tornando o atual Palácio Guanabara, sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Esse palácio, em sua forma original, era uma representação do modo de habitar do casal Conde d’Eu.

A Princesa Isabel foi educada pelo pai, D. Pedro II, a ser uma esposa modelo, como era a educação comum para as mulheres da Corte brasileira. Apesar de ser futura herdeira do trono, foi decidido não ensinar-lhe os conhecimentos básicos para uma vida política, decidindo o conde ensinar-lhe, quando este descobriu a falta de conhecimento político de sua esposa. A mulher deveria ser o mais diferenciado possível do homem e do rapaz, tanto em forma como em conteúdo. A Princesa não foi educada como uma futura Imperatriz, mas foi educada para ser uma futura esposa e dona de casa.

A princesa tinha que se acostumar a pensar por si e consultar sempre o marido para que: das coisas “pequenitas passasse rapidamente às grandes”, dizia a aia. E as economias domésticas estavam na ordem do dia: “a mulher não deve querer assumir liberdade no juntar que não vá de acordo com o juntar do seu marido”<sup>3</sup>.

É essa a educação que vai imperar na vida de casada de Isabel. Durante toda a sua vida de casada, ela reclamava dos períodos em que fora Princesa Regente. Isabel não gostava da vida política. Ela acreditava, assim como o senso comum do brasileiro deste período, que os homens tinham as virtudes necessárias à vida pública, enquanto as mulheres tinham as virtudes necessárias à vida privada. “Por isso, os homens prestavam um grande favor às mulheres impedindo-as de participar da política”<sup>4</sup>. Nossa Princesa foi educada e gostava de ter uma vida religiosa, voltada para Deus e para a sua família.

Já o Príncipe Consorte nasceu membro da realeza francesa, porém abdicou de suas poucas chances de se tornar Rei ao se casar com Isabel, conforme contrato que foi assinado pelo mesmo. Suas esperanças eram poucas depois do início do regime de Napoleão III,

resolvendo-se arriscar no Brasil. Na infância ele recebeu uma educação diferente da recebida pela nossa princesa, tanto pelo seu sexo como pela natureza de sua família, a Casa de Orléans. Segundo Rangel, os Orléans eram conhecidos pelos seus feitos de guerras e, como membro de uma família guerreira, Gastão foi educado como tal<sup>5</sup>. Ele foi educado para ser um militar e para ser um chefe de família.

Mesmo sendo Isabel a herdeira do trono, a relação entre o casal era a mesma relação entre marido e esposa de qualquer casal da aristocracia brasileira. Gastão educava, ensinava a sua esposa e, no início do matrimônio, era a parte pública do casal, enquanto para a Princesa só importava a vida privada, o ninho dos pombos. Jantar com a irmã e o cunhado, falar de receitas de sobremesas ou pontos de bordado, ver os pais uma vez por semana e, sobretudo, ocupar-se de seu palacete no distrito de Laranjeiras: adquirido por 300 contos e situado na rua Guanabara<sup>6</sup>.

O casal viveu em perfeita harmonia com as suas funções de casados.

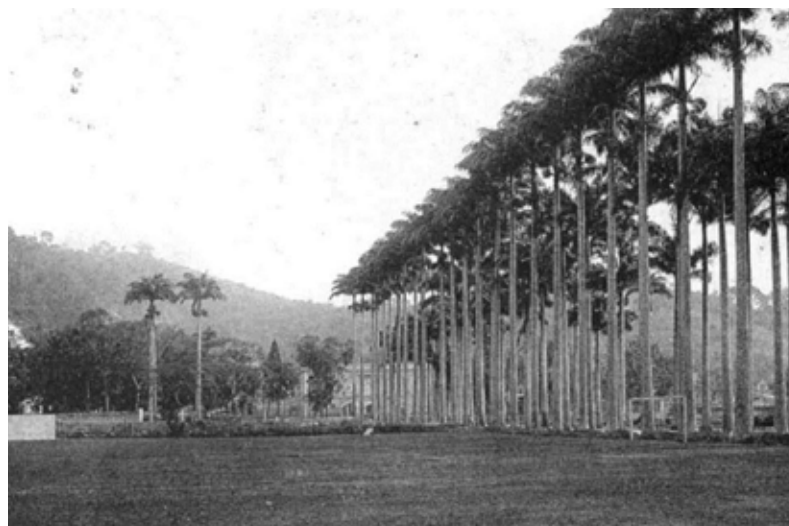
**Ilustração 1**  
**Pintura do Palácio**  
**Isabel, 1870<sup>7</sup>.**

**Ilustração 2**  
**Campo da Rua**  
**Paissandu com sua**  
**fileira de palmeiras,**  
**1899<sup>8</sup>.**

## O EXTERIOR

O Palácio Isabel se situava na Rua Paissandu com a Rua Guanabara, atual Rua Pinheiro Machado, no distrito de Laranjeiras. Era um palacete simples de dois pavimentos que foi comprado pela Câmara de deputados para presentear os recém casados, para eles habitarem após o casamento e a viagem de ida a Europa que fizeram logo depois da lua-de-mel.

Antes de receber o casal Conde d'Eu, o palácio passou por uma reforma coordenada pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebelo, considerado um dos maiores do país no seu perí-



odo. Ele modificou a antiga casa do comerciante português José Machado Coelho, ao custo de 36 contos de Réis, para se tornar o Palácio Isabel.

D. Isabel assim falou de seu palácio: “o Paço Isabel, nossa residência no Rio depois do casamento, situado nas aforas da cidade, bem longe de São Cristóvão, é uma bela casa erguida no meio de um jardim enorme, no sopé de uma colina bastante alta”<sup>9</sup>. A casa ficava longe do centro da cidade, que era uma região considerada ruim, suja e poluída demais para a nobreza, e também ficava longe de São Cristóvão, conseqüentemente do Palácio Imperial e do próprio Imperador.

A Princesa e o seu marido assentaram-se em Laranjeiras, uma região com menor número de habitações, mas considerada de melhor qualidade para se morar. O exterior dele era ornado com uma fileira de palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) que começava desde a casa e seguia pela Rua Paissandu, havia, também, um jardim, no qual a Princesa Imperial cultivou sua coleção de orquídeas<sup>10</sup>. O palácio, em si, era de tamanho modesto, mas seus jardins eram grandes e sua localização estratégica, próxima a uma colina de onde poderiam ter vistas de todo o entorno e com uma visual criada pela Rua Paissandu e suas palmeiras.

A entrada para o terreno da casa era singela, com meio muro finalizado com grade e colunas espaçadas simetricamente entre si, dando um ritmo à vista frontal da residência. Após essa marcação de limite, vemos uma cerca viva, conforme vemos na Ilustração 3.

Em estilo neoclássico, a fachada principal do palácio era ornada por colunas em estilo dórico no segundo pavimento. Acima da entrada do palácio encontravam-se duas estátuas, talvez apotropaicas. Como era de seu estilo, a construção tinha equilíbrio e harmonia estética, além de ter uma fachada frontal simétrica. Entrava-se na casa através de uma escadaria circular de dois braços.

Na Ilustração 4 podemos ver que o palácio se encontrava numa região pouco habitada, com alguns poucos vizinhos. A fachada de trás da casa dava para um morro, do qual foi tirada essa fotografia. Foi nesse espaço que a Princesa habitou nos tempos que estava na cidade do Rio e nele deu diversas festas. Em seu jardim, além das palmeiras e das orquídeas, foram plantadas diversas plantas, desde as frutíferas até as ornamentais, como se vê na Ilustração 5, tirada do interior do palácio.

## O INTERIOR

A Princesa Imperial, ao contrário de seu pai, gostava de dar festas e receber pessoas em sua casa. Os palácios de Petrópolis e esse de Laranjeiras da Princesa receberam diversos nomes influentes do Segundo Reinado. D. Pedro II não gostava de dar festas em seu Palácio. Para Ramalho Ortigão, o Imperador não cumpria a sua missão social na “organização dos

**Ilustração 3**  
Palácio Isabel, 1865<sup>11</sup>.

**Ilustração 4**  
Fundos do Palácio Isabel, c. 1860<sup>12</sup>.

**Ilustração 5**  
Jardins<sup>13</sup>





**Ilustrações 6 e 7**  
**Salão de recepção<sup>19</sup>.**

costumes, no culto da arte, na formação do gosto, na moda, na toilette, nas maneiras<sup>14</sup>, cabendo a outros membros da alta sociedade essa função.

Diversos convidados das festas da Princesa foram membros importantes da política nacional, mesmo desgostosa pela política, o salão da Princesa foi um espaço importante para a disseminação das novas correntes de pensamento. Em geral seus amigos eram conservadores e muito católicos, devido às opiniões e pensamentos da própria Princesa, mas ela em si não fazia distinção de raça ou de grupo político.

Um dos principais amigos da Princesa foi André Rebouças, um engenheiro abolicionista neto de uma escrava.

O engenheiro André Rebouças frequentava as reuniões sociais que aí [no Palácio Isabel] aconteciam. Durante a guerra [do Paraguai], trocara cartas com Gastão e, agora, com Isabel, impressões musicais e livros: amigo íntimo do casal<sup>15</sup>.

Ele nos relata sobre as danças que participou nas festas da Princesa Imperial, falando em especial do “nobre sentimento de igualdade democrática que a Princesa e seu marido faziam timbre em cultivar nos seus salões”<sup>16</sup>. Rebouças, apesar de sua ascendência escrava, sentia os preconceitos se dissolverem nos salões da Princesa, onde todas as correntes de pensamento positivistas e abolicionistas ganharam espaço. Rebouças também descreveu as músicas que se ouvia nos salões da Princesa:

Cumprе mencionar uma peça a 4 mãos, tocada pela Princesa Imperial, acompanhada pelo Taunay, sobre motivos da “muette de Portici”, d’Auber [o compositor francês Daniel François Esprit Auber], de que é apaixonado o Príncipe, que comemorou ter-se feito uma revolução na Bélgica, cantando-se essa música<sup>17</sup>.

No período do Segundo Reinado houve uma influência muito grande da França no nosso modo de habitar. As decorações de diversas habitações receberam papel de parede importado da França, pianos franceses e móveis no estilo Napoleão III. Segundo Alencastro, a importação de pianos inaugurou um novo cômodo na casa do brasileiro, o espaço do salão<sup>18</sup>.

No Palácio Isabel não foi diferente, conforme as ilustrações 6 e 7, ele também traz decoração em inspiração francesa. Apesar da preferência do Príncipe Consorte pelo estilo Luís Filipe I (avô dele) devido às relações conturbadas da casa Orléans com o Império de Napoleão III, em sua morada conviveram móveis dos dois estilos. Revert Henrique Klumb foi o responsável por fotografar tanto o exterior como o interior dessa casa assim quando essa acabou de ser reformada e já era habitada pelo casal, c. 1865.

O estilo Luís Filipe foi um estilo pesado que esteve em voga na França de 1830 a 1848, exatamente quando o Rei Luís Filipe foi expulso da França pela Segunda República Francesa. Esse estilo era cheio de ornamentos, detalhes complexos e móveis com diferentes estam-

pas. Esse mobiliário ocupava desde o salão de recepção até o íntimo da casa. Tudo na casa era europeu, em estilo francês ou inglês, incluindo a prataria, que foi encomendada pelo Conde d'Eu na primeira viagem que fizeram a Europa.

Todos os solares da região eram dessa forma. Del Priore nos diz que os solares abrigavam magnífica prataria, aparelhos de porcelana importada, mobília inglesa e francesa distribuída em salões de visita, de música e de baile, iluminados por lustres de cristal. A água aquecida circulava nos quartos de banho<sup>20</sup>.

E da mesma forma que o dos seus vizinhos, a Princesa e o marido tinham a preferência por utensílios e móveis importados da Europa, considerados de melhor qualidade que os locais.

Nas Ilustrações 8 e 9 vemos a sala de jantar do palácio. Cada uma das imagens é de um dos lados da sala de jantar. O mobiliário dessa sala era mais simples, a mesa estava decorada com uma toalha dobrada nas pontas, a fim de mostrar os pés da mesa todo entalhado em madeira maciça, e as cadeiras encontravam-se desalinhadas. Os móveis de servir encaixavam-se de forma estudada nos detalhes sinuosos da parede. Apesar de comporem pares, segundo Malta cada um desses móveis tinham diferentes medalhões entalhados nele, cada um com um motivo, conferindo-lhes detalhes de individualização<sup>22</sup>.

Da mesma forma que as outras áreas da casa, seu corredores também eram ricamente ornados com vidros, espelhos e lustres. Com diversas cadeiras e aparadores, abaixo se encontram duas imagens desses corredores.

O palácio também contava com um escritório para o Conde d'Eu, provavelmente um espaço exclusivo para a Princesa, o *Boudoir* e um espaço para o Príncipe Consorte receber seus amigos de forma reservada, o *Fumoir*. Estes espaços eram comuns em casas desse porte do século XIX, porém não há documentos publicados sobre eles na casa da princesa. Considerando a fé da Princesa e sua vida religiosa, provavelmente também havia algum espaço dedicado para as suas rezas diárias, uma pequena capela ou oratório. Todavia também não foi encontrado nenhum relato sobre esse espaço dentro desse palácio.

## CONCLUSÕES

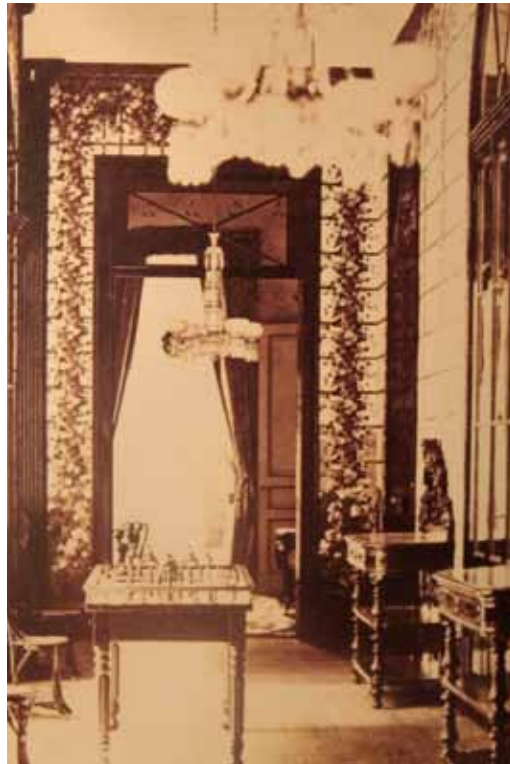
Os materiais sobre o Palácio Isabel são escassos, porém com eles dá para se reconstruir historicamente como foi que o Casal Conde e Condessa d'Eu habitaram a sua casa.

Ambos tentaram viver ao máximo como um casal comum que se amava. Foram educados segundo as tradições de suas famílias, uma para ser servil, fiel e religiosa, o outro para ser um guerreiro, para buscar honrarias e para ser chefe de família. A casa reflete esse modo de se viver e essa tradição.



**Ilustrações 8 e 9**  
Sala de jantar<sup>21</sup>.

**Ilustração 10 e 11**  
**Corredor<sup>23</sup>.**



A Princesa Imperial tinha na casa o seu espaço para plantar as suas orquídeas, para bordar enfeites visando ocupar as horas de ócio, para tocar piano e para escrever suas cartas. Enquanto o Conde d'Eu tinha seu escritório e seu espaço para receber amigos e importantes nomes da política.

O casal recebia em seu espaço desde os conservadores, como o Visconde de Taunay que com a Princesa toca ao piano uma obra do compositor francês Daniel François Esprit Auber, até os liberais, os positivistas e os abolicionistas, deixando o espaço do seu salão livre para as discussões democráticas de cunho filosófico. Não houve distinção de cor ou de pensamento, como nos informou Rebouças.

O casal se habituou ao pensamento e as modas francesas numa casa neoclássica com móveis que lembram ao Conde os tempos em que seu avô foi Rei da França e não Napoleão III. A casa reflete os seus donos, da mesma forma que esses se conformam ao espaço que habitam. Machado de Assis nos disse que “dize-me como moras, dir-te-ei quem és”<sup>24</sup>. A vida do casal fala bastante de sua casa e a casa de suas vidas no Brasil.

## NOTAS

---

- <sup>1</sup> Apud BARMAN, Roderick J. - *Princesa Isabel do Brasil: Gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 120.
- <sup>2</sup> Apud *ibidem*, p. 120.
- <sup>3</sup> DEL PRIORE, Mary - *O Castelo de Papel: Uma História de Isabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, Conde d'Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- <sup>4</sup> BARMAN, Roderick J. - *Princesa Isabel do Brasil: Gênero e Poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- <sup>5</sup> RANGEL, Alberto - *Gastão de Orléans: O último Conde d'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- <sup>6</sup> DEL PRIORE, Mary. *Idem*, p.74.
- <sup>7</sup> RANGEL, Alberto. *Op. Cit.*, s.p.
- <sup>8</sup> Autor desconhecido - *Campo da Rua Paissandu* [em linha]. [consult. 27 de Janeiro de 2013]. Disponível na Internet: <<http://img690.imageshack.us/img690/7388/campodopaissandu1899.jpg>>
- <sup>9</sup> Apud BARMAN, Roderick J. - *Op. cit.*, p. 120.
- <sup>10</sup> *Idem, Ibidem*.
- <sup>11</sup> Autor desconhecido - *Palácio Isabel* [em linha]. [consult. 27 de Janeiro de 2013]. Disponível na Internet: <<http://img696.imageshack.us/img696/9190/palcioguanabara1865.jpg>>
- <sup>12</sup> KLUMB, Revert Henrique - *Fundos do Palácio Isabel*. C. 1865.
- <sup>13</sup> KLUMB, Revert Henrique - *Jardins do Palácio Isabel*. C. 1865.
- <sup>14</sup> Apud PINHO, José Wanderley de Araujo - *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: GRD, 2004.
- <sup>15</sup> DEL PRIORE, Mary - *Op. cit.*, p.129.
- <sup>16</sup> *Idem, Ibidem*, p. 109.
- <sup>17</sup> REBOUÇAS - *Op. cit.*, p. 108.
- <sup>18</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de - *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- <sup>19</sup> KLUMB, Revert Henrique - *Salão de Recepção do Palácio Isabel*. C. 1865.
- <sup>20</sup> DEL PRIORE, Mary - *Op. cit.*, p.74.
- <sup>21</sup> KLUMB, Revert Henrique - *Sala de Jantar do Palácio Isabel*. C. 1865.
- <sup>22</sup> MALTA, Marize. *O Olhar Decorativo: Ambientes Domésticos em Fins do Século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- <sup>23</sup> KLUMB, Revert Henrique - *Corredor do Palácio Isabel*. C. 1865.
- <sup>24</sup> Apud MALTA, Marize. *Op. cit.*, p. 15.